

Irmandades religiosas e devoção a santos negros no Brasil escravocrata

Márcio Douglas de Carvalho e Silva¹

Resumo: O objetivo desse trabalho é verificar como se deu o processo de instrução catequética dos negros africanos e afro-brasileiros no Brasil escravocrata, os métodos utilizados pela igreja católica, assim como a importância das irmandades religiosas para o trabalho de aproximação do negro à religião cristã, com enfoque na devoção a São Benedito. As fontes utilizadas foram publicações que versam sobre essa temática, manuscritos das Irmandades de N. S. do Rosário e São Benedito dispostos no acervo digital da Biblioteca Nacional e uma iconografia. O artigo não possui um recorte temporal nem geográfico determinado, uma vez que busca analisar um fenômeno que ocorreu em um contexto específico que se estende do século XVI ao XIX, fazendo uma viagem no imaginário religioso do período escravocrata em busca de fatos que representem a vivência religiosa do negro no Brasil nesse período, especificamente no tocante a devoção a santos negros e a adesão às irmandades religiosas.

Palavras-chave: Devoção; Irmandades Negras; São Benedito; Escravidão; Religiosidade.

Abstract: The aim of this study is to check how was the catechetical instruction process of black Africans and african-Brazilians in slaveholding Brazil, the methods used by the Catholic Church, as well as the importance of religious brotherhoods to work approaching black to the Christian religion, focusing on devotion to St. Benedict. The sources used were publications that deal with this theme, manuscripts of the Brotherhoods of N. S. Rosary and Saint Benedict arranged in the digital collection of the National Library and iconography. The article does not have a particular temporal or geographic divisions, as it seeks to analyze a phenomenon that occurred in a specific context that extends from the nineteenth century XVI, making a trip in the religious imagination of the slavery period in search of facts that represent the experience religious black in Brazil during this period, specifically regarding the devotion to black saints and adherence to religious brotherhoods.

Keywords: Devotion; Brotherhoods black; São Benedito; Slavery; Religiousness.

Religious brotherhoods and devotion to black saints in Brazil slaver

¹ Mestrando em Antropologia (UFPI), Especialista em História e Cultura Afro-brasileira e Africana (UESPI), Licenciado em História (UESPI). Professor efetivo da Secretaria do Estado da Educação do Maranhão. Email: conectadonomarcio@hotmail.com

Introdução

Quando estudamos a condição de vida a que o negro era submetido no período em que vigorou a escravidão no Brasil não podemos esquecer a forma como se deu a adaptação e a apropriação dos mesmos aos costumes impostos pelos europeus e, também os modos de resistência que os negros e seus descendentes adotaram. No campo da religiosidade esses aspectos se tornam muitos presentes no tocante à forma de dominação imposta a partir da religião.

A chegada ao Brasil e a tomada da nova realidade a que era apresentada a esses negros certamente era uma etapa muito traumática na vida dos mesmos, além de serem arrancados de sua terra e levados para um lugar totalmente desconhecido, tinham que se adaptar a sua nova condição de submissão e aos novos costumes, entre eles, a religião cristã que muitos ainda não conheciam. Foi nesse espaço que a igreja católica, a partir das diferentes ordens religiosas atuou no processo de introdução dos princípios cristãos e de mansidão do negro com o propósito de induzi-los a submissão e de certa forma a “aceitação” da sua condição de escravo.

A promoção de santos negros com a finalidade de causar identificação dos africanos e afro-brasileiros com essas divindades foi um dos trabalhos realizados pelas ordens religiosas, sendo, portanto um elemento da estratégia de catequese da igreja católica direcionada para o público negro. Com isso, “a difusão da vida de um santo fornecia exemplos que deveriam ser seguidos pelos fieis. Os santos, ao serem identificados com a manutenção do sistema da cristandade, funcionavam como agentes de controle da igreja sobre a população”. (OLIVEIRA, 2008, p. 89).

São Benedito, Santo Elesbão, Santa Ifigênia e Santo Antonio Categeró, foram algumas das divindades negras usadas como recurso catequético. A cor da pele causava em muitos uma identificação imediata com o santo como sendo o seu protetor por ser irmão de cor, santo “da sua gente” que certamente saberia entender seus problemas mais que os santos brancos.

São Benedito possui uma hagiografia que se assemelha muito à de alguns mártires da igreja católica que tiveram que renunciar de tudo que tinham para seguir uma vida de privações e obediência, mas que foram recompensados pelo galardão do Senhor. Negro e filho de escravos, sua fé nunca permitiu que se tornasse um rebelde e inconformado com a condição em que vivia. Sendo “o santo como exemplo de virtudes e de atitudes de

subordinação à igreja foi um importante aliado da igreja colonial, e nesse sentido, tanto para os homens brancos, quanto para os chamados homens de cor” (OLIVEIRA, 2008, p. 26).

Era esse sentimento de submissão e obediência que viveram esses santos pretos que desejavam que os negros aprendessem e copiassem como referência para sua vida. Nesse contexto, as irmandades religiosas desempenharam um importante papel na incorporação dessa massa de negros, principalmente as Irmandades Negras como a de N. S. do Rosário e São Benedito. Essas irmandades eram lugar de instrução religiosa a partir das bases cristãs, mas também era um ambiente onde o negro tinha maior espaço para se expressar, ser acolhido e reconhecido como irmão e a certeza do amparo em momento de necessidade. Para Pinto (2000), a experiência religiosa vivida no interior das irmandades negras não pode ser vista como um mero fruto da imposição da ortodoxia católica, pois “ela somente concretiza-se quando o fiel reconhece-se como parte do sistema religioso ao qual passa a pertencer. O culto aos santos negros e o contato com as lendas sobre ancestrais negros cristãos cumpriram a função de estimular esta identificação”. (PINTO, 2000, p. 80).

Com isso, podemos afirmar que o trabalho de introdução da mensagem cristã e o estabelecimento de irmandades entre negros não era visto pelos mesmos apenas como uma etapa de instrução da fé adotada pela metrópole, mas tinham outro significado, pois “ao aceitar o seu santo católico, os negros de irmandades buscaram por em prática as regras cristãs que diziam respeito à sua igualdade com os brancos, no plano religioso, veiculadas através de seu culto”. (PINTO, 2007, p. 16).

Diante disso, o objetivo desse trabalho é verificar como se deu o processo de instrução catequética dos negros africanos e afro-brasileiros no Brasil escravocrata, as técnicas utilizadas pela igreja católica, assim como a importância das irmandades religiosas para o trabalho de aproximação do negro à religião católica com enfoque na devoção a São Benedito, um santo negro que foi muito cultuado por negros livres e escravos no Brasil escravocrata. Para isso, recorreremos a uso de publicações que versam sobre essa temática, contamos também com análise de manuscritos das Irmandades de N. S. do Rosário e São Benedito, tratando de diferentes assuntos de interesse dessas irmandades, além de uma iconografia, todas essas fontes dispostas no acervo digital da Biblioteca Nacional.

A pesquisa não possui um recorte temporal determinado e nem se concentra em uma determinada região geográfica do Brasil, justamente por se tratar de um fenômeno que ocorreu em um contexto social, político e econômico que abarca diferentes temporalidades, por isso, essa pesquisa viaja entre as diferentes províncias brasileiras no período escravocrata

em busca de fatos que represente a vivência religiosa do negro no Brasil nesse período, especificamente no tocante a devoção a santos negros e a adesão às irmandades religiosas.

As irmandades religiosas como elemento de instrução cristã no Brasil escravocrata

A história da colonização do Brasil é marcada entre outros aspetos pelos elementos de cunho religioso que se faziam presentes na sociedade colonial em toda a sua ambiência, envolvendo tanto colonizadores como colonizados, colocando todos em um mesmo patamar de busca pelo sagrado e na condição de submissão aos ditames de igreja católica.

Nesse contexto, negros africanos ao chegarem ao Brasil entravam em contato com uma nova realidade religiosa, e acabavam sendo conduzidos a aceitar crença oficial da metrópole. Segundo Pinto (2000), a interação dos negros no cotidiano religioso foi objeto de atenção diferenciada por parte das autoridades tanto religiosas como do Estado o que acabou fazendo com que “Estado e igreja produzissem um discurso “estatal” que associou escravidão e religião nas determinações da política ultramarina relacionadas aos negros (...) que passaram a conviver com uma sociedade de matriz cristã e escravista, impregnada de valores europeus”. (PINTO, 2000, p. 17).

Percebemos que por parte dos “dominadores” havia um interesse em conduzir os recém-chegados africanos ao conhecimento da fé do colonizador branco. Expostos a isso, os mesmos souberam moldar a religião do europeu a arquétipos que lhes pareciam mais familiares, de forma que “os negros (...) submersos no mundo simbólico dos brancos, especificamente no mundo católico, souberam dar novos significados a esses significantes que lhes era imposto”. (HOORNAERT, 1987/1988, p. 28)

Para aproximar os cativos da religião cristã, tanto a catequese como as irmandades funcionaram como estratégias de conciliação do negro e a sua conversão a religião católica. Para Pinto (2000), a expansão do catolicismo entre a população de negros ocorreu de forma mais sistemática nas zonas urbanas e em regiões que ficavam nos arredores das paróquias em locais onde a instrução espiritual era mais presente, propiciando a criação das irmandades.

Nessas irmandades a devoção a santos negros possibilitou um espaço de concretização da adoção dos negros ao cristianismo a partir da adoção de divindades negras para o seu culto. Segundo Quintão (2002 B), a mais conhecida dentre as muitas irmandades de pretos era a de Nossa Senhora do Rosário que já congregava homens negros em Portugal desde os séculos XV e XVI.

De acordo com Reinaldo (2009), as irmandades negras surgiram no século XI em Portugal a partir da cisão com irmandades brancas. Segundo a autora, “em 1580, surgiram em Lisboa confrarias exclusivamente de negros como a de N. S. de Guadalupe e São Benedito, e no século XVII foi criada a Irmandade do Rosário dos Pretos no Convento do Salvador” (REINALDO, 2009, p. 296).

Porém, essa separação e o surgimento de irmandades negras no reino não foram bem vistas pelos irmãos do Rosário dos brancos, inconformados com o fato de os negros instituírem irmandades unicamente de negros. Para Tinhorão (2000, p.131), “a reclamação dos brancos contra essa separação demonstra que as irmandades dos homens negros se fundaram espontaneamente, quando estes se tornaram suficientemente numerosos e capazes de manter seus próprios grupos”.

No Brasil a expansão das irmandades negras ocorreu a partir de dois momentos fundamentais: “um primeiro, paralelo à expansão das paróquias e conventos nos centros urbanos, e um segundo no século XVIII, onde, irmandades de negros, fundamentalmente as do Rosário, fundam os seus templos próprios e promovem neles o culto a diferentes santos de sua cor”. (PINTO, 2000, p. 54).

É válido percebermos que essa articulação se deu a partir da marginalização que os negros sofriam em relação à ordem franciscana, que devido a grande população negra dentro da própria ordem e da recusa de setores da mesma de acolher esses negros, sentiu-se a necessidade de criar uma ordem específica para esse público como afirma Hoornaert (1987/1988) ao explicar como se dava a organização da ordem franciscana no Brasil:

O franciscanismo no Brasil chegou a articular-se em quatro espaços sociais. Além dos três espaços clássicos (ordens primeira dos sacerdotes, segunda das religiosas e terceira dos seculares), a realidade brasileira forçou o movimento franciscano a abrir espaço para um quarto tipo de organização adaptado à realidade dos escravos. Pois a ordem terceira, que devia abrigar os escravos franciscanos, os recusava. E como os diversos conventos franciscanos foram aos poucos tendo suas senzalas cheias de trabalhadores escravos, estes passaram a pressionar os superiores dos conventos no sentido de se organizar irmandades específicas para os escravos. (HOORNAERT, 1987/1988, p. 32-33).

A segregação que se dava entre brancos e negros dentro das próprias ordens religiosas, significava, além da adesão dos negros a religião do europeu, também um “resultado, no fundo, dos diferentes graus de aproximação possíveis com a minoria branca colonial (a

depende da tonalidade), o que por seu turno escondia o fundamental, que eram as diferenças de classe” (TINHORÃO, 2000, p. 96).

A agregação dos negros às irmandades cristãs-católicas pode ser vista de certa forma como uma resposta quase inevitável diante da grande presença da igreja de Roma na vida colonial, que ia desde as classes dominadoras chegando até as mais baixas, como a dos escravos, além disso, pode ser identificada “como um indício da adaptação destes negros às regras desta sociedade colonial e cristã que (...) era possível ser irmão, sem deixar de ser escravo”. (SANTANA, 2007, p. 07)

O sentimento de pertencer a uma irmandade que era “sua”, formada por gente da sua cor, dava de certa forma uma sensação maior de liberdade, uma vez que mesmo que em alguns casos os brancos ainda estivessem envolvidos na organização de uma irmandade negra, quando não havia nenhum negro que soubesse, ler nem escrever ou contar, o fato de poder cultivar nessas ordens, santos de sua cor, dava aos mesmos sentimentos de também terem um protetor que entenderia melhor suas aflições e os escutariam com mais atenção. É por isso que segundo Oliveira (2008), em relação à população de negros no Brasil, as irmandades foram consideradas pelo Estado e igreja como instituições ímpares que trabalhavam a serviço do processo de cristianização, além disso, essas associações eram a única forma em que os poderes constituídos reconheciam a associação de negros, de certa forma que “contribuíam também para a construção de solidariedades grupais, as quais facultavam o estabelecimento de graus relativos de autonomia mesmo diante da opressão do regime escravista”. (OLIVEIRA, 2008, p. 258).

Além disso, pertencer a uma irmandade significava ter a garantia de ser acolhido em momento de necessidade extrema como na doença e na morte, portanto, “cuidavam de importantes aspectos da vida escrava: o enterro (a compra do caixão), a doença (a organização de uma enfermaria) (...) a velhice, a religião, e certamente a comunicação social sobre bases africanas”. (HOORNAERT, 1987/1988, p. 33)

Muitas foram as irmandades negras existentes no Brasil colonial, e estas desempenharam relevante papel para o processo de adaptação do negro ao novo mundo e o sentimento do mesmo como um “ser” pertencente a essa nova ordem. Essa agregação mesmo que de forma marginalizada se dava através da incorporação aos ditames da igreja católica, ainda que para que isso ocorresse de forma mais pacífica, permitisse e incentivasse o culto a divindades que se assemelhavam aos mesmos pela sua cor ou pela sua história de vida. É

nesse ambiente religioso que a identificação do negro enquanto “ser que vivia no Brasil” e enquanto cristão era moldada, como afirma Santana, 2007:

Dentro da esfera das irmandades busca-se construir uma identidade católica negra através do estímulo a uma catequese visual que explora a imagem de santos com a mesma cor da epiderme. Nesta identidade católica está incluído o papel servil e submisso atribuído ao negro na sociedade cristã, e escravista, na qual estava sendo inserido, representado na trajetória de santos como S. Benedito e S. Antônio de Categeró. (SANTANA, 2007, p. 11).

Esse processo de identificação dos negros através da “catequese visual” teve um grande desenvolvimento ao longo do setecentos e, por está tão presente na vida dos negros, escravos ou não, serviu para moldar formas de comportamentos em relação ao poder vigente, seja da igreja ou do Estado, marcando presença onde as autoridades eclesiásticas e coloniais estavam, e onde elas não estavam. Segundo Oliveira (2008), essas irmandades, através de suas atividades devocionais e assistenciais supriram, em diversos momentos, os papéis a serem desempenhados pela igreja e pelo Estado com uma ação que se deu de forma tão intensa em algumas regiões que em consequência da ingerência do Estado em alguns assuntos religiosos, a ação mais próxima dos fieis pela igreja católica foi dificultado, fazendo com que a sua presença e ação em algumas regiões do Brasil fosse mínima.

Foi nesse espaço vazio deixado pela igreja oficial que as irmandades encontraram terreno para se expandirem, fazendo com que a catequização em muitas regiões do Brasil colonial ficasse na mão de leigos que estavam à frente das irmandades.

Mesmo sendo possuidoras de uma maior liberdade entre as instâncias religiosas e o Estado, as irmandades foram alvo de “controle” por parte das instituições dominadoras, pois segundo Oliveira (2008), como eram subordinadas ao Estado e a igreja, ambas as instituições procuravam formas de controlar as atividades das mesmas, uma vez que a expansiva liberdade que algumas chegavam a possuir provocava temor entre, Estado e da igreja, pois se para os negros “a irmandade representava um espaço de relativa autonomia. No geral seus membros construía identidades sociais significativas, em uma espécie de família ritual, em que africanos desenraizados de suas terras morriam e viviam solidariamente” (REIS, 1997, p.12). Essa “liberdade” sentida por alguns negros que passavam a fazer parte de uma irmandade pode ser vista como ambiente que servia para aliviar as dores da escravidão e da indiferença dos dominadores.

Importante para uma melhor compreensão de como se deu a apropriação e aceitação pelos negros do cristianismo é percebermos que esse processo de catequização se dava, principalmente a partir da associação em irmandades religiosas, mais especificamente as irmandades negras, e que não se tratava de forma explícita de um projeto de catequização do negro como ocorreu com os indígenas com a atuação dos jesuítas.

Percebemos essa não intenção direta de catequização do negro no momento em que avistamos a afirmação de Oliveira (2008, p. 230), quando, ao se referir à atuação da Ordem do Carmo no Rio de Janeiro, conclui que a presença da referida ordem “no cotidiano dos africanos e seus descendentes foi um importante fator na consecução de um projeto de catequese que visava em última instância, a atingir este segmento da população colonial”.

Para Oliveira (2008, p. 33), “se a catequese dos negros foi superficial por não ter sido pensada de forma específica pela igreja, pode-se argumentar que a manutenção das tradições daqueles grupos ou as suas leituras específicas do catolicismo foram, exclusivamente, frutos da concessão da igreja e do acaso”.

Com isso, houve espaço para uma maior miscigenação entre traços da religiosidade cristã católica e características de cultos de raiz africana que ao se miscigenarem acabaram dando face a um conjunto de devoções populares no Brasil que perduram até atualidade e nem sempre se aproximam, em muitos dos seus caracteres, dos rituais de devoção aos santos na forma da igreja católica, mais sim, constituem um emaranhado de influências que revelam uma grande diversidade de cultos dentro de uma única crença.

Para Oliveira (2008), a religião do colonizador passa por uma releitura a partir das concepções religiosas dos negros, apropriando-se do catolicismo na esperança de uma possibilidade de reconstruir sua própria identidade, sendo não um catolicismo oficial/formal, mas sim o que “preferimos chamar de catolicismo real”, o catolicismo popular que tem suas raízes na era colonial a partir de concepções católicas, africanas e indígenas.

Somando religião, dominação, proteção ou solidariedade, as irmandades apresentaram múltiplas funções e importâncias para o processo de interação do negro e formação social e religiosa do Brasil, e por isso mesmo foram detentoras de muitos significados ao longo da história desse país, com isso

as irmandades apresentaram sempre um caráter social e devocional. O fato de serem autorizadas e protegidas pela ação das autoridades fez com que muitos classificassem essas associações como “instrumento de alienação” dos negros e até de sua pacificação. No entanto, se as classes senhoriais e as

elites quiseram utilizar as irmandades como meio de controle e de integração do negro numa sociedade escravocrata, estes souberam transformá-la num espaço de sociabilidade, de reivindicação social e de protesto racial conseguindo, dessa forma, salvar a sua identidade e sua dignidade. (QUINTÃO, 2002 A, p. 34).

O fato de poder se reunir em organizações que representasse “gente da sua cor” e cultivar divindades vistas como “seus parentes de cor”, pode ser visto como um processo que dava de certa forma uma ilusão para as duas partes – dominadores (Estado e igreja) e negros, uma vez que os primeiros tinham na religião, mais especificamente no incentivo a devoção de santos negros uma forma de agregação do negro aos costumes do colonizador e aos segundos uma sensação de autonomia e liberdade que era pensado e “vivido” nas irmandades, mas que, de forma inversa se revelava para o primeiro uma forma de dominar ideologicamente o negro ao mesmo tempo em que para os negros servia como um ponto onde eles podiam viver e reivindicar certas condições e moldar uma cultura marcada pela sua identidade. Para Freyre (2006, p 438), “a contemporização seguida no Brasil por senhores de escravos consistiu principalmente em dar aos negros a oportunidade de conservarem, à sombra dos costumes europeus e dos ritos e doutrinas católicas, formas e acessórios da cultura e da mítica africana”.

As Irmandades Negras e a devoção a São Benedito

Da variedade de santidades com cor de pele que se assemelhava a dos escravos africanos, alguns se destacaram como os mais cultuados entre essa classe, como Santo Elesbão, Santa Ifigênia, Santo Antonio Categeró e São Benedito, este último considerado “o mais popular e familiar dentre os santos negros, e seu culto precedeu ao reconhecimento oficial. A devoção difundida desde a sua morte, em 1589, foi autorizada pela Igreja somente em 1743, retardando a organização de irmandades dedicadas exclusivamente a esse santo”. (QUINTÃO, 2002 B, p. 82).

Segundo Quintão (2002 B), As irmandades de São Benedito surgiram em 1609 no mosteiro de Santa Ana, em Lisboa. No ano seguinte (1610), a devoção a São Benedito já atravessava o atlântico e se fazia presente no convento de São Francisco da cidade dos Anjos, nos domínios espanhóis. No século XVII, as irmandades em devoção ao santo negro se estendiam por vastas regiões do Brasil como Rio de Janeiro, Minas Gerais, Salvador e Pernambuco.

No decorrer do século XVII, foi fundada no Rio de Janeiro a Irmandade de São Benedito, que antes separada, acabou sendo unida a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário. (Quintão, 2002 B). Quando estudamos as irmandades dedicadas a santos negros, sempre nos deparamos com a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário², uma santa branca, entre as demais, mas tinha uma grande aceitação e adeptos entre os negros, chegando até mesmo em alguns casos a suplantar a devoção aos santos de cor de pele similar a dos devotos.

Independente da região do Brasil onde essa devoção se estabelecia, importa-nos verificar como se dava identificação dos negros com o santo, e o orgulho de serem gente que se aproxima deste pela sua cor. Podemos perceber isso como um sinal de devoção que atravessa os campos da dor, da escravidão e do preconceito sofrido por ser negro, e se estabelece no campo do sentimento de recompensa, e de um sinal de que Deus, ao “permitir” que um negro se torne santo, desse aos seus similares um ouvinte e protetor. Tudo isso pode ser percebido na abertura do compromisso da Irmandade de São Benedito em Ribeirão do Carmo, Minas Gerais de 1737:

Quão admirável seja Deus em seus Santos notoriamente se manifesta no prodigioso sujeito de São Benedito, que bem se pode com razão afirmar, que na graça Divina lhe saiu a este santo a sorte em preto; e que não obstante o escuro dos acidentes, foi muito esclarecido em todo gênero da virtude, fazendo um protótipo e exemplar para nós a gente de cor preta; para que nos animássemos ao exercício de obras espirituais que conduzem para o senhor, que esperamos de conseguir a bem-aventurança. E, portanto, agradecidos os homens e mulheres pretos a um santo que tão bom exemplo e tanta honra deus aos parentes.³

O sentimento de parentesco a que muitos negros tinham em relação aos santos de sua cor apresenta com a devoção aspectos bem mais próximos da realidade que os cercava, sendo São Benedito sinônimo de renúncia, sofrimento, obediência e sabedoria: um modelo a ser admirado e seguido. Esse sentimento foi de certa forma aproveitado pela igreja, e usado como

² Entre as teorias que explicam a grande popularidade de N. S. do Rosário entre os negros diz que o revigoramento do culto a referida santa ganhou grande proporção justamente entre os negros na época em que os dominicanos enviaram seus primeiros missionários para a África, explicando como se deu a sua introdução entre os africanos e a sua conseqüente generalização progressiva no grupo de negros escravizados. Porém foi em Portugal que surgiram as primeiras irmandades de negros em devoção a Nossa Senhora do Rosário, a partir da transformação gradativa das irmandades de brancos. (Quintão, 2002 B). De lá para esse culto foi transportado para a América e acabou, como se sabe, ganhando muitos adeptos entre os negros e pardos independentes de serem escravizados ou forros.

³ Compromisso da Irmandade de São Benedito de Ribeirão do Carmo, Minas Gerais. AHU, Códice 21, fl.8. Extraído de: QUINTÃO, Antonia Aparecida. **Lá vem meu parente**: As irmandades de pretos e pardos no Rio de Janeiro e em Pernambuco. (Século XVIII). São Paulo: ANNABLUME, 2002 B, p. 84.

condição para tornar a aceitação da condição e submissão do negro mais simples, o que em nem todos os casos funcionava, pois como já discutimos acima era uma via que dava margens tanto a “dominação” como a libertação, principalmente quando tornava-se irmão ao fazer parte de uma irmandade.

Muitas eram as atividades desenvolvidas no interior das irmandades pelos confrades pertencentes às mesmas, e uma dessas tarefas, além da realização de festas, era pedir esmolas para compor os fundos do patrimônio da irmandade.

O ofício de João Inácio da Cunha, magistrado brasileiro, mostra um dos momentos das atividades das irmandades negras ao apresentar a José Bonifácio de Andrada e Silva o requerimento em que a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, solicita para continuar recebendo dos cofres públicos um subsídio anual em substituição as esmolas que os pretos arrecadavam com suas danças durante as festividades dos seus santos padroeiros no ano de 1822.

Dizem as honrarias da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e S. Benedito por seu procurador que havendo os costumes na ocasião de suas festividades da mesma senhora e santo formam-se danças por toda a cidade e campo de Santa Ana. Sua Majestade servindo para sossego público a parar de suspender esses subsídios a que sempre fez as mesmas irmandades com algumas esmolas que costumavam contribuir nas mesmas festividades autorizou ao justamente general da província assumisse doando dos cofres da mesma província 50\$000.⁴

A solicitação de auxílio financeiro nesse caso tem a finalidade de evitar que os confrades necessitassem pedir esmolas nas festividades dedicadas aos padroeiros. As receitas auferidas pelas irmandades nessas ocasiões e em doações diversas serviam para prover as despesas realizadas pela irmandade no auxílio aos seus confrades, por isso também era necessário um pagamento de taxa de inscrição, mesmo quando o negro era escravo.

Pertencer a uma irmandade, além do sentimento de liberdade que o negro passava a ter, tinha o reforçado o sentimento de proteção e “representava reconhecimento social, possibilidade de contatos, socorro nas aflições, certeza de um enterro digno e uma tentativa de contornar os preconceitos sociais e raciais” (AGUIAR, 1993, p. 248), além disso, significava está maior próximo de quem poderia ouvir e entender os seus problemas, do seu protetor, na maioria dos casos um santo negro como São Benedito.

⁴ Ofício de João Inácio da Cunha a José Bonifácio de Andrada e Silva. Documento do arquivo digital da Biblioteca Nacional. Documento 86. CDD: 352.387. .

São Benedito teve uma vida marcada pela simplicidade e a obediência. Este santo de cor negra, filho de escravos africanos ganhou grande fama no Brasil entre as camadas mais simples da sociedade, mas não só dela, operando milagres mesmo antes de se tornar santo, já era muito procurado por todas as pessoas que creditavam no seu poder a sua fé, independente de serem negros ou não.

Descendente de escravos etíopes levados para a Itália, nasceu em 1525 e ao longo da sua vida foi pastor de ovelhas antes de optar pela vida em um eremitério (BARROS, 2007). Mesmo sendo filhos de escravos teve sua liberdade concedida aos dez anos de idade pelo dono de seus pais, Cristophe e Diana, como cumprimento de uma promessa do mesmo aos genitores do futuro santo. Como as crianças negras da época, Benedito não teve instrução escolar, permanecendo iletrado durante toda a vida. Para seguir a vida em um eremitério aos 21 anos teve que renunciar dos bens materiais que havia conseguido com muito trabalho e distribuiu aos pobres. (ALBARET, 1989).

Os milagres de São Benedito começaram a ser operados quando o mesmo ainda era vivo e muitos foram, que se estenderam a outras regiões com a propagação de sua devoção após sua morte. De acordo com Albaret (1989, p. 75), os milagres “depois de sua morte, foram muito mais depois de sua vida. (...) Entre as curas maravilhosas, muitos ressuscitados”.

Ao longo da sua vida pertenceu a ordem dos franciscanos, falecendo em 1589, com 63 anos. “Sob a pressão, sobretudo das populações católicas negras, o Papa Clemente XIII beatificou Benedito em 1763 e o Papa Pio VII o santificou em 1807”. (HOORNAERT, 1987/1988, p. 23). Tão grande é o significado da sua graça que sua santificação chega a representar um marco não só na história dos cristãos negros, mas também da igreja Católica, uma vez que São Benedito foi o primeiro negro a se tornar santo. “À maneira dos santos, Benedito havia-se vingado do crime cometido pelos brancos contra os seus e sua raça, reduzindo-os à escravidão. Ele havia esbanjado o bem, aliviado os sofrimentos, curando as doenças, desenvolvendo aos pais desesperados seu filho morto”. (ALBARET, 1989, p. 79).

Após ter seu culto transportado pelo atlântico, o filho de escravos negros, seria um exemplo claro nos países de dominação ibérica onde o catolicismo se propagou da forma como os negros “pressionaram as autoridades eclesiásticas a elevar à honra dos altares, santos que representassem sua cor. No Brasil, São Benedito foi um santo 'tardio', pertencente antes ao ciclo do café do que aos anteriores de cana de açúcar, gado ou minas”. (HOORNAERT, 1987/1988, p. 23).

Segundo Souza (2009), o próprio culto a São Benedito permaneceu marginal a ortodoxia católica por muitos anos após sua morte que ocorreu em 1569, sendo autorizada somente em 1743, dando indicação que “o culto dos santos negros e das virgens negras foi, inicialmente, imposto de fora ao africano como uma etapa de sua cristianização e que foi pensado pelo senhor branco como um meio de controle social, um instrumento de submissão do escravo”. (SOUZA, 2009, p. 128). Porém, isso não foi impedimento para que a devoção a São Benedito se expandisse por várias regiões do Brasil ganhando adeptos e admiradores através dos milagres que eram atribuídos ao mesmo e pela identificação de sua cor pelos negros, sendo instituídas irmandades negras dedicadas ao santo.

A gravura abaixo representa a imagem de São Benedito pertencente à Irmandade de N. S. do Rosário e S. Benedito dos Homens Pretos fundada em 1640, no Rio de Janeiro. Para Oliveira (2008, p. 231), “a imagem de culto teve um papel fundamental na propagação de informações sobre a vida dos santos, atestando de forma efetiva a difusão do próprio culto entre os fiéis”.



Fig. 01 - S. Benedito
Fonte: Arquivo digital da Biblioteca Nacional

Pela figura 01 podemos perceber que o santo, diferentemente das vestimentas simples que usava durante sua vida na terra, ostenta um traje bem elaborado e portando adereços

típicos de grande parte das imagens de divindades católicas, como terços e coroa sobre a cabeça. Além disso, percebemos que o mesmo traz um menino nos braços, possivelmente representando Jesus Cristo, presença que também é comum nesse tipo de representação. O que também nos chama a atenção na imagem é a pouca exposição da cor da pele do santo, estando praticamente todo encoberto pelas vestimentas, expondo praticamente só o seu rosto, o não impedia que fosse reconhecido e identificado pelos negros como um santo de sua cor e como um dos “seus” como salienta Albaret (1989, p. 44). “São Benedito, filho de escravo, ele mesmo antigo escravo. Negro de pele, seus traços eram de um africano”.

Ao se referir à caracterização física de outros dois santos negros cultuados no Brasil – Santo Elesbão e Santa Ifigênia, Oliveira (2008), afirma que mesmo havendo uma preocupação dos religiosos em atingir os “homens de cor” com a semelhança física do santo, em nenhum momento foi desprezada a perspectiva eurocêntrica ao representar esses santos, percepção que também pode ser atribuída em relação a representação imagética de São Benedito. Albaret (1989), ao escrever a hagiografia de São Benedito, reclama da máscara de cera que se encontra sobre o rosto do mesmo, exposto em sua sepultura, que para ele, em nada lembram os traços africanos do santo.

A incorporação de divindades do panteão católico por africanos no Brasil e a consequente adaptação a que os negros fizeram com os santos católicos aos cultos de matriz africana guarda uma importante curiosidade em relação a São Benedito destacada por Cascudo (1954):

É um dos índices do negro católico (...) que não foi aculturado pelos orixás, permanecendo na sua personalidade anterior e pura. (...) o processo de sincretismo que converteu São Jorge, alvo louro, olhos azuis, em Odé, Santo Antonio em Exu, e haja esquecido um santo preto. (...) A exclusão de São Benedito do panteão jeje-nagô Brasil constituirá ainda uma defesa dos seus orixás, escolhendo os santos brancos como impossibilidade de personificação africana viver neles os olhos da fiscalização repressora dos amos e policiais. São Benedito lhes sugeria uma espécie de orixá católico, fisicamente lembrando os santos da costa africana. (CASCUDO, 1954, p. 155)

O fato de São Benedito não ter sido adotado como uma entidade religiosa dos cultos de matriz africana em nada diminuiu a sua apreciação pelos devotos negros no Brasil escravocrata, onde as irmandades continuaram desempenhando importante papel na articulação da vida social do negro, uma vez que mesmo estando submetido à condição de escravo, aguçavam-se os laços de irmandade que se criavam nas confrarias, fazendo reclamar uma

condição de fraternidade característico da mensagem de Cristo “que o leva inclusive a insistir no tratamento igual em momento importante da vida humana, como o era o da morte, e também aos ligados a prática da religião, na conquista de autonomia em relação à interferência dos brancos”. (SANTANA, 2007, p. 09).

Podemos perceber o tamanho compromisso dessas irmandades com seus irmãos e a certeza da assistência da mesma nos momentos de necessidade na representação de Antonio José Lisboa, procurador da irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito a S.M.I, em 1853, solicitando a permissão para encomendar os cadáveres de seus integrantes dentro de igrejas, apesar de decreto imperial de 1850 que vedava essa prática na capital.

Dizem os juízes, officiaes e mezários da vulnerável Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito nesta carta que por decreto imperial datado de março do ano de 1850 farão possibilidades as encomendações e enterramento no interior das igrejas por ocasião da epidemia que grassou nessa capitania no referido ano, disposição aquela que vedou a esta irmandade de dar inteiro cumprimento ao artigo de seu compromisso que manda encomendar na sua igreja e dar sepultura dando seus jazigos aos seus irmãos e irmãs falecidos dando só execução na frente dos enterramentos, fazendo sepultar os cadáveres dos seus irmãos nos cemitérios públicos. Por isso, imperial senhor para inteira execução de aquele artigo compromissal vemos legítimos representantes da irmandade respeitosamente pedir a V. M. I. se diga conceder a essa vulnerável irmandade a graça de conceder a idênticas Corporações Religiosas de pudessem encomendar dentro de sua igreja os cadáveres de seus irmãos, irmãs e fieis que ali foram levados para serem encomendados, seguindo depois desse acto para o cemitério respectivo.⁵

O compromisso das irmandades era uma segurança ao confrade, seja branco ou negro. Isso em parte pode explicar, entre outros fatores, a grande adesão de africanos e afrodescendentes às irmandades religiosas, especialmente as dedicadas a “santos protetores dos negros”. Porém, nem sempre os santos negros foram aceitos pelos brancos e a discriminação aos negros se estendia as divindades negras, caso que justifica essa afirmação pode ser visto em na citação de Mott (2010), onde relata um ocorrido em Cairuna povoação de Aricoaba, Bahia, no século XVIII quando o lavrador Alexandre da Fonseca, homem branco, foi delatado ao Santo Ofício por insulto à fé católica.

⁵ Carta de Antonio Jose Lisboa, procurador da irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito a S.M.I, 1853. Documento do arquivo digital da Biblioteca Nacional. Documento 77. CDD: 352.387.

Realizava neste povoado uma solene festa em homenagem a São Benedito, o franciscano negro tão querido no Brasil Colonial, beatificado em 1763. Inconformado com a veneração a um servo de Deus que ostentava a mesma feição dos escravos, o racista lavrador não se conteve: deu um tiro de bacamarte na bandeira do santo, dizendo: “o que faz este pretinho à vista de Deus e de todo o mundo?!” Diz o denunciante que tal gesto blasfemo fora perpetrado com “desprezo, opróbrio e irreverência”. Malgrado tal manifestação de intolerância racial, quando menos deste 1788 existe na região a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, ereta na Matriz de Camamu que, apesar de destinar-se prioritariamente á população de cor, constava em seus Estatutos a possibilidade de admitir também os brancos como associados. (MOTT, 2010, p. 187).

Esse episódio de intolerância racial que chegou até a renegar uma divindade católica em uma época marcada pela religiosidade, reflete o imaginário escravocrata que dominava o Brasil no período que se estende até a abolição (de forma legal) e ainda continua até os dias atuais. Importante assinalar que em uma época de extrema intolerância racial e discriminação contra o negro, os santos eram uma válvula de escape e de certa forma um escudo para esse contingente de pessoas, servindo em muitos casos como justificativa para a afirmação da humanidade do negro e dos seus direitos enquanto cristãos como no fragmento exposto por Santana, (2007) quando

o cirurgião José de Carvalho de Tojal, chamado para cuidar de um preto escravo teria dito que "preto não tem alma", entretanto outros presentes "lhe replicaram que havia São Benedito". Posteriormente, ele tenta negar más intenções nas suas palavras, argumentando que "fora sem refletir que o dissera, tanto que mandara sacramentar o preto". (SANTANA, 2007, p. 06)

Na vivência religiosa brasileira, onde igreja e Estado estavam atrelados e a escravidão era um aparato legal de dominação do negro como mão de obra, os santos foram usados para dominação ideológica dessa classe e conseqüentemente sua “incorporação mais pacífica” à realidade social em que os mesmos estavam inseridos. São Benedito foi um desses exemplos, pois, “embora não fosse escravo, teria assumido uma condição servil ao longo de toda a sua vida” (SANTANA, 2007, p. 03). E era essa servidão pacífica que interessava aos dois lados, tanto Estado como igreja, daí o interesse no incentivo ao culto desses santos, a catequese visual e a divulgação de suas biografias com o intuito de instigar a obediência escrava, por isso São Benedito era usado como reforço dessa obediência cristã, que “vêm para enfatizar o

papel do negro integrado a Cristandade que consiste no de servo obediente” (SANTANA, 2007, p. 03).

Conclusão

As marcas deixadas no Brasil no campo religioso pela ação dos africanos são perceptíveis até os dias atuais na nossa sociedade. Não é de se espantar que todo esse vigor tenha nascido em meio as dificuldades que os negros, libertos ou não, vivenciaram no período da escravidão. De lá para cá, muitos anos se passaram e muitas mudanças aconteceram (como o fim da escravidão), mas um fato que não se pode negar é a herança cultural criada por esses povos e as contribuições na nossa religiosidade, no caso do catolicismo negro, ou catolicismo popular, como queira ser chamado, vivenciamos essa realidade constantemente, e até mesmo a igreja católica acabou tendo que “aceitar”, e em muitos casos até incorporou arquétipos nascidos a partir das devoções negras.

As irmandades religiosas foram um espaço de grande importância para os negros, escravos ou não que residiram no Brasil durante o período escravocrata, pois ali se criaram ambientes de devoção, de acolhimento e de sociabilidades. Não é à toa que muitas dessas irmandades negras sobrevivem até os nossos dias. Mesmo sendo um espaço onde os negros possuíam certas “liberdades”, foi um lugar também de aprisionamento, como já observamos, pois se mostrou como um ambiente estratégico para “domesticar” definitivamente o negro na sociedade escravocrata, instruindo o mesmo nos ditames da religião católica e consequentemente do Estado.

São Benedito foi um desses elementos usados pelas irmandades para aproximar os negros da religião cristã e da igreja católica, transmitindo a partir da sua imagem os ensinamentos de Cristo e das experiências de vida não só de São Benedito, mas também de outras divindades de pele negra. Sua história de submissão e obediência foi repassada como um modelo a ser imitado e seguido, um caminho de santidade. Ao mesmo tempo em que a igreja mostrava São Benedito como um servo, os negros o viam como um herói, que superou o fato de ser negro e se tornou santo, talvez esse fosse o que os negros queriam imitar de São Benedito: a superação da indiferença, das dificuldades e um dia alcançar o sonho da liberdade verdadeira.

Falar de religiosidade brasileira, principalmente no que toca as devoções negras é um assunto que não se esgota devido a sua imensa riqueza de manifestação. Este foi só um dos

aspectos onde negro e religião católica se cruzaram no amplo sistema de dominação escrava no Brasil e que foi também um espaço próprio para o negro brasileiro mostrar sua fé e de certa forma impor-se diante da ortodoxia romana.

Referências

Fontes

Arquivo Digital da Biblioteca Nacional. **Carta de Antonio Jose Lisboa, procurador da irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito a S.M.I**, 1853. Documento 77. CDD: 352.387.

Arquivo Digital da Biblioteca Nacional. **Gravura S. Benedito** [Iconográfico]: Irmandade de N. S. do Rosário e S. Benedito dos Homens Pretos fundada em 1640. CDD 761.2

Arquivo Digital da Biblioteca Nacional. **Ofício de João Inácio da Cunha a José Bonifácio de Andrada e Silva**. Documento 86. CDD: 352.387.

Bibliografia

AGUIAR, Marcos Magalhães de. **Vila Rica dos confrades**. A sociabilidade confrarial entre negros e mulatos no século XVIII. Dissertação de mestrado, Departamento de História - FFLCH/USP, 1993.

ALBARET, Pol de Léon. **São Benedito, o africano**. São Paulo: Editora de Cultura Espiritual, 1989.

BARROS, Clausa, M. Matos. **São Benedito, o santo negro**. São Paulo: Paulus, 2007.

CASCUDO, Luiz da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações, 1954.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. São Paulo: Global, 2006.

HOORNAERT, Eduardo. A devoção dos beatos negros. **Rev. de C. Sociais, Fortaleza**, v. 18/19, Nº 1/2, 1987/ 1988.

MOTT, Luiz. A Inquisição em Ilhéus (1574-1774). In: **Bahia**: inquisição e sociedade, Salvador: EDUFBA, 2010.

OLIVEIRA, Anderson José Machado de. **Devoção Negra**: santos pretos e catequese no Brasil colonial. Rio de Janeiro: Quartet, 2008.

PINTO, Tânia Maria de Jesus. **Os negros cristãos católicos e o culto aos santos na Bahia colonial**, Dissertação de mestrado, Faculdade de filosofia e ciências humanas, UFBA, 2000.

QUINTÃO, Antonia Aparecida. **Irmandades Negras**: Outro espaço de luta e resistência (São Paulo: 1870-1890). São Paulo: ANNABLUME, 2002 A.

QUINTÃO, Antonia Aparecida. **Lá vem meu parente**: As irmandades de pretos e pardos no Rio de Janeiro e em Pernambuco. (Século XVIII). São Paulo: ANNABLUME, 2002 B.

REGINALDO, Lucilene. África em Portugal: devoções, irmandades e escravidão no Reino de Portugal, século XVIII. **História**, São Paulo, 28 (1): 2009.

REIS, João J. Identidade e diversidade étnica nas irmandades negras no tempo da escravidão. **Revista Tempo**, Rio de Janeiro, v.2, n.3, 1996.

SANTANA, Tânia de. O Culto a Santos Católicos e a Escravidão Africana na Bahia Colonial. **Revista Aulas**, Dossiê Religião N.4 – abril/julho 2007.
SOUZA, Laura de Mello e. **O diabo e a terra de Santa Cruz**: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
TINHORÃO, José Ramos. **As festas no Brasil Colonial**. São Paulo: Editora 34, 2000.

Recebido em: 16 de julho de 2016.

Aprovado em: 12 de dezembro de 2016.